

Corrupção e Pirataria

*“Se os homens são puros, as leis são desnecessárias;
se os homens são corruptos, as leis são inúteis.”
(Thomas Jefferson)*

O final do ano se aproxima, trazendo consigo festas e presentes de Natal.

Recentemente, por ocasião do chamado Dia das Crianças, comuniquei a meus dois filhos, de seis e oito anos, que não haveria presentes de minha parte. Eu os presentearia unicamente no Natal com o desejado videogame *Playstation 2*, o qual, dado seu elevado custo, seria suficiente para nutrir expectativas por várias festividades.

É uma forma de fazê-los compreender o cunho meramente comercial que reveste determinadas datas. E, mais do que isso, é uma maneira de dotá-los de uma percepção do valor pecuniário da moeda. É um jeito particular meu de educá-los.

Por exemplo, concedo aos dois uma pequena mesada. Mas não se trata de um bônus para despesas quaisquer. Trata-se do dinheiro através do qual eles terão que pagar desde o seu próprio café da manhã, almoço e jantar, quando estão comigo, até suas opções de lazer. Foi o expediente que encontrei para fazê-los valorizar o que têm em mãos. Hoje, eles pensam duas vezes entre comprar um álbum de figurinhas, divertir-se num fliperama e jogar boliche, ou poupar para adquirir algo que desejam. Decidem até mesmo se um garçom merece 10% pelos serviços prestados ou não. Mas isso é estória para outra coluna...

Voltando ao videogame, fui surpreendido neste final de semana por uma solicitação de meu filho mais velho, Gabriel. Disse-me ele:

“Papai, compre o *Playstation 1*, por que o número 2 não aceita CD pirata”.

Veja bem, amigos, estamos falando de uma redução em meu investimento da ordem de R\$ 1.200,00 para R\$ 400,00. Meus filhos, por sua vez, estão abrindo mão de um equipamento tecnologicamente mais avançado, com mais recursos e melhor definição de imagens, em virtude de terem consciência de que um cartucho novo e original custará cerca de R\$ 150,00, enquanto uma versão pirateada do mesmo poderá ser adquirida pela pechincha de R\$ 10,00.

Para um sujeito que estuda o comportamento humano, entre eles aspectos como “ética”, desnecessário dizer como me sinto diante desta situação. Como um garoto de oito anos de idade, sem influência de seus pais ou outros adultos, mas tão somente por conta de seu relacionamento junto a outros garotos da mesma idade, julga simplesmente natural sua opção por um produto ilegal?

Não tenho respostas. Aliás, não me sinto no direito de censurá-lo por sua decisão. Estou diante de uma terrível dissonância cognitiva. Sinto-me desprovido de argumentos capazes de mostrar-lhe que aquilo que lhe parece correto é errado. Porque o errado, à luz dos fatos, mostra-se a mim como adequado e plausível.

Ganância e Bom Senso

Refletindo sobre o assunto, concluí que a pirataria é uma forma de corrupção. E, sem a pretensão de realizar um estudo sociológico sobre o tema, ocorreu-me haver duas formas de corrupção. Uma, baseada na ganância; outra, no exercício do bom senso.

A corrupção calcada na ganância é aquela velha conhecida de todos: politicamente incorreta, filosoficamente condenável, socialmente detestável. Opõe o corruptor, agente ativo da ação, responsável pelo despertar do processo; e o corruptível, o lado passivo, que aceita o objeto do suborno e as regras do jogo. Seu objetivo é auferir o ganho fácil, transgredindo regras e leis, se necessário for – e, quase sempre, o é.

Já a corrupção que estou qualificando como baseada no bom senso é uma espécie de corrupção anárquica, reflexo de nossa tendência em fazer justiça com as próprias mãos. Consiste numa ação que se insurge quando a fronteira de nossa tolerância é transposta. E esta linha de fronteira varia de pessoa para pessoa, de acordo com seus princípios éticos e morais e sua condição sócio-econômica.

Um exemplo clássico é a famigerada indústria das multas de trânsito. Assim, uma infração leve atualmente apresentará um custo da ordem de R\$ 53,20. É um valor aceitável pela maioria dos cidadãos condutores de um automóvel. Todavia, uma infração por excesso de velocidade poderá redundar numa fatura da ordem de R\$ 574,62, dobrando em caso de reincidência. A penalidade é a mesma para o condutor de uma Ferrari ou de um Uno Mille. É também a mesma para quem, trafegando numa via onde 100 km/h seja a velocidade máxima permitida, atingir 121 km/h ou 180 km/h. E é parado no acostamento, com o guarda rodoviário portando seu talão de anotações, que as verdades – e os limites individuais – se revelam.

Dentro deste contexto, a pirataria é uma corrupção baseada no bom senso, por parte de quem compra, decorrente da corrupção pela ganância, praticada por quem vende. Enquanto um game para Playstation custar R\$ 150,00, um software da Microsoft for ofertado “promocionalmente” por mais de R\$ 2.000,00 e um CD de uma banda qualquer, que pode ser baixado em MP3, for vendido por R\$ 35,00, a propagação de produtos ilegais continuará grassando pelo mundo afora.

A sociedade não está disposta a bancar este superdimensionamento de valor agregado. Todos sabem o quão pouco custa fisicamente um compact disc. Todos reconhecem que há um prêmio a ser pago pela tecnologia desenvolvida. Mas há um limite que não é respeitado pela indústria – porque não é observado por ela. E é o fabricante o corruptor dentro deste processo. É ele quem elimina a pureza dos homens, tornando as leis necessárias. E é ele quem as transgride, tornando as mesmas leis, inúteis.

Gênese da Corrupção

Não estou aqui como mestre de cerimônias a dizer o que as pessoas esperam e desejam. Não pretendo ser uma unanimidade, aclamado como sábio por conseguir representar em palavras o que as cabeças pensam e os corações sentem. Prefiro instigar a polêmica para que, juntos, possamos compreender melhor este insano mundo em que vivemos.

André Malraux disse que “*O terrorismo é justificável*”. Pois eu lhes digo que “**A corrupção é justificável**!”. A corrupção é, pois, fruto de nossa própria sociedade, consequência de nossas próprias leis, reflexo de nossas próprias escolhas.

Meu amigo Sérgio Compagnoli comentou-me certa feita que a corrupção está em nosso sangue, em nossos genes, pois sua gênese está em nossa cultura católica que nos instiga a rezar alguns versos e terços em troca da salvação de nossa alma ante os pecados cometidos.

É triste saber que, por força de nossas próprias opções, não mais podemos ter princípios castos e rígidos. Temos que ser flexíveis o tempo todo, moldar e ajustar nossas crenças e valores, passando muitas vezes a aceitar o que antes julgávamos herético.

Creio que vou comprar o Playstation 1 neste Natal...

Tom Coelho

Tom Coelho, com graduação em Economia pela FEA/USP, Publicidade pela ESPM/SP e especialização em Marketing pela MMS/SP e em Qualidade de Vida no Trabalho pela FIA-FEA/USP, é empresário, consultor, escritor e palestrante, Diretor da Infinity Consulting, Diretor do Simb/Abrinq e Membro Executivo do NJE/Fiesp. Contatos através do e-mail tomcoelho@tomcoelho.com.br. Visite www.tomcoelho.com.br.